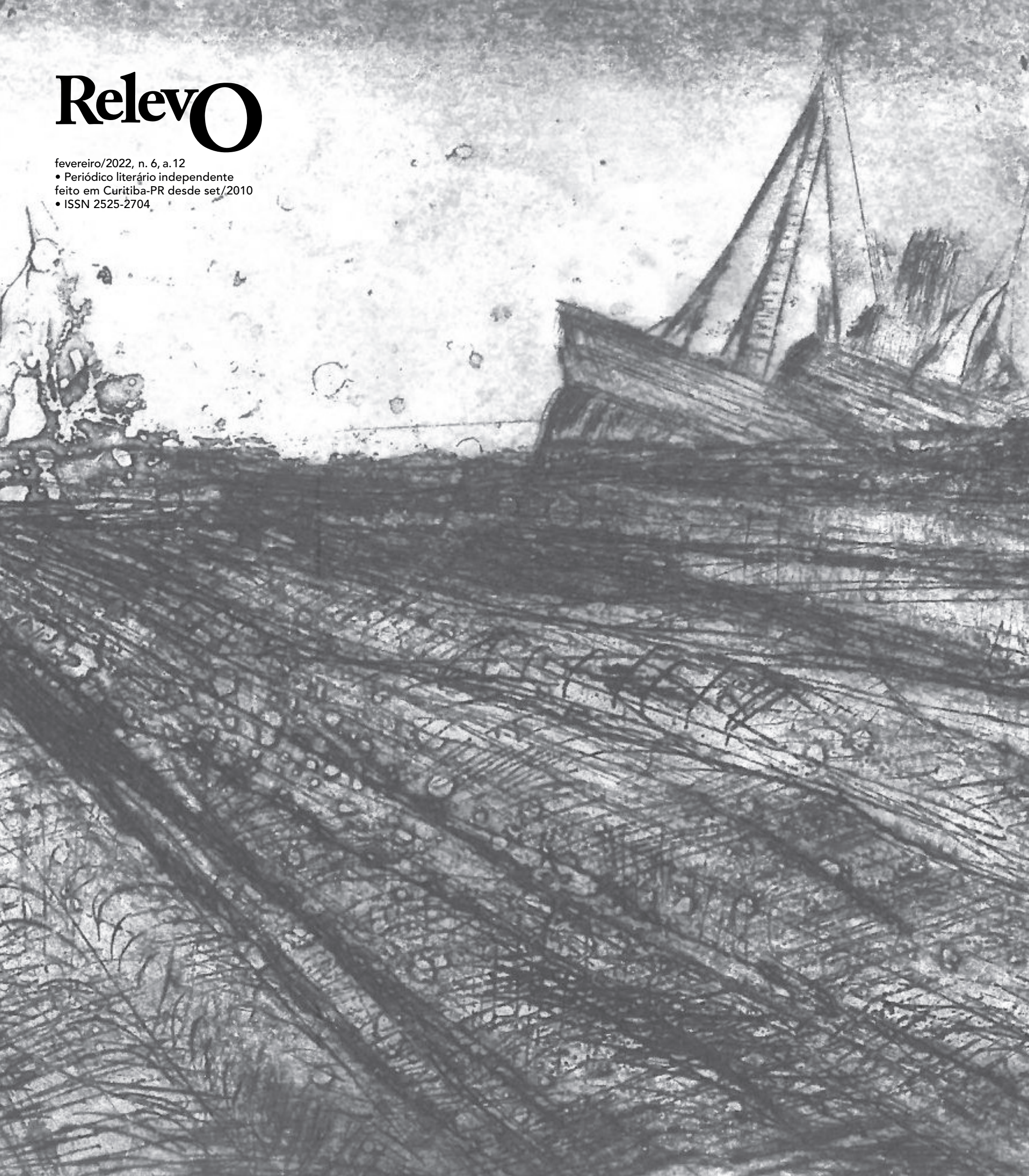


RelevO

fevereiro/2022, n. 6, a.12

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de Maria Diel (@mariadiel), representada pela Galeria Gravura Brasileira.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 200 Alexandre Guarnieri; R\$ 105 Rejane Benvenuto; Diogo Silveira dos Santos; André Felipe Fernandes; Dante Segundo; Vinicius Ito Ramos; João Scappa; Karen Bobato; Maurer de Barros; R\$ 100 Caio Girão; Cymara Scremin; Eliane Dzierwa Zaionc; Marina Domingues; João Moura Fernandes; Thaís Jamyle Dionísio Cavalcante; Henrique de Souza Ramos Riboldi; Júlia Abdalla; Romy Huber Pradi; R\$ 75 Marcella Lopes Guimarães; Thélío Queiroz Farias; Daniel Montoya; R\$ 60 Junior Bellé; Julia Almeida Baranski; Bruna Meneguetti Figueiredo; Luiz Eduardo Ferreira; Mauricio Pains; Rebéca Casal Leite; Enrique Correa de Moraes; Priscila de Sá Santos; Renata Medeiros; Alanna Ajzentel; Michel Souza; Vinicius Fernandes Cardoso; Joaquim Otávio Melo Lima; Camila Passatuto; Cintia Yamanaka; Eduardo Pereira de Souza; Crislaine Medeiros; Letícia Copatti Dogenski; Sonia Prota; Tulio Henrique Stafuzza; Ana Carolina Magnoni; Andréa Mascarenhas; Mariana Sato dos Reis; Lucas Scandura; João Paulo Andrade; Gisela Biacchi; Daniel Moraes; Iata Anderson; Cláudia Cesca de Gouveia; Marco Aurélio de Souza; Julia Raiz; Ananda Castilho; Bianca Monteiro Garcia; José Roberto Bresolim; Carlos Nogueira; Laércio Becker; Whisner Fraga; Júlia Trovó; Rodrigo Sena; Williany Raphaela Vilhena Machado Prist; Juliane Knopik Digiovani; Yuri Araujo; Sandro Dalpícolo; Jhonatan Carraro; Fernanda Cercal Odppes; Alisson Caetano; Luíze Ribas; Amanda Vital; Márcio Berclaz; André Monegaglia; Mylena Bianca Meloto; Luiz Carlos da Silva; Francisco Del Rio; Cecília Arbolave; Sandra Nodari; Geraldo Ramiere; Fábio Gardenal Inácio; Hertz Wendel de Camargo; Matheus Chequim; Felipe Moreno; R\$ 57 Mônica Karine da Silva; João Vitor Berg; Ederson Nunes; Wellington Moraes; Cyndi de Oliveira Moura; Caroline Almeida Santos; Leonardo Migdaleski; Plínio Zuni.

TOTAL: R\$ 6.221

ANUNCIANTES:

R\$ 120 Maurício Simionatto; R\$ 100 Banca Tatuí; Editora Penalux; R\$ 60 Rômulo Cardoso; R\$ 50 Gato Preto Livros; R\$ 30 O Alienígena.

TOTAL: R\$ 460

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.180
Escritório: R\$ 420
Embalador: R\$ 50
Autores e ilustradores: R\$ 460
Editor: R\$ 1.200
Editor-assistente: R\$ 350
Serviços editoriais: R\$ 420
Mídias sociais: R\$ 350
Diagramação: R\$ 160
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Correios: R\$ 1.700

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: **R\$ 6.681**

(-) Saídas totais: **R\$ 6.780**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 99**

Fevereiro/2022

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Osny Tavares
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 27 de janeiro de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

PROVOCAÇÕES

Rozana Gastaldi Cominal Olá, pessoal. Sobre o **RelevO** de dezembro de 2021. Mais interessante a cada edição. Tanto que fiz um diário de bordo dos textos que me fisgaram. Sequer me atentei para as ilustrações. Quem sabe na de janeiro, já que a capa está belíssima! O ombudsman, Osny Tavares, lança a provocação: por que meu texto deve ser publicado agora? Há uma justificativa na qual eu, autor, não esteja incluído? O que eu estou fazendo com o espaço que me foi cedido? Quem cria, busca um ideal. Qual é o meu? por que a poesia, me perguntaram, de Rafael Iotti

porque a gente tá encrencado quando há amor volto com a margarida atrás da orelha como um louro magnífico enquanto há vida sem trava escrevo porque preciso

“Yes, camiseta”, de Salma Soria – conto de *Muitas roupas aqui* (Penalux, 2021) – é um conto que resvala o nonsense com humor na medida, marcado pelo discurso direto. A pseudo conversa se dá pelas duas personagens anunciadas no parágrafo introdutório com paralelos linguísticos bem estimulantes. O que vem a seguir? Yes or no? Os poemas de Ivo Barroso, seleção e apresentação de Lucas Silos: que precisão! Na edição anterior, a tradução do autor e nesta a lavra autoral, visceral! Sou fã de Ivo Barroso desde quando li o poema “Despojamento”, publicado na “Ilustríssima”, da *Folha de S.Paulo*, em 2012, com uma ilustração minimalista de Jâred Domício. Fiquei fascinada por aquele fenomenal poema de amor. Sim, eu gostaria de tê-lo escrito, assinaria mil vezes sem cansar! Dali em diante quis saber quem era ele. Tornou-se referência, o pão nosso da minha poesia. Também vou procurar *A caça virtual e outros poemas*: antologia. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DESPOJAMENTO

Ivo Barroso
Eliminei o excesso de paisagem simplifiquei toda a decoração retirei quadros flores ornamentos apaguei velas copos guardanapos e a música

Bani a inutilidade do discurso Na mesa de madeira nua apenas dois pratos brancos sem talheres O banquete será tua presença

Coluna Brazilliance: “Samba em prelúdio”, porque a gente ama a música de Vinicius de Moraes e Baden Powell! Sem vocês somos ninguém! “Arroz de polvo”, de Sandra Castiço: o que é isso? Com meus cabelos avermelhados, senti o amor daqui. Boca aguada pelo sabor dos versos e do arroz de polvo. Momento mágico e afirmo que tudo é verdadeiro! Os pot-pourris de Edwar-do Silva funcionam como sobremesa caleidoscópica em corda aromática com laranjas & framboesas & barris de absinto. “Dudu”, conto integrante de *Encomenda e Outros Textos*, de Mateus Senna, Urutau, 2021: que narrativa pungente! Em uníssonos o eco infinito: presente! Por fim, Adonis, trecho de “Salmo”, tradução de Nuno Júdice: que presenteço! “Permanecerei assim —cercado por mim próprio.” Na expectativa, esperando o primeiro número de 2022. Forte abraço e intê.

João Fiorot Algumas ponderações sobre a edição de janeiro:
1. maravilhado com os carimbos Burocrata.
2. muito boa a seleção de poemas.
3. as traduções não estiveram tão boas assim. Katinguelê, o pagodeiro que habita em mim, saúda o pagodeiro que habita em vocês.

APENAS UM ANO DEPOIS...

Monique Brito Oi, pessoal, boa tarde! Em março do ano passado vocês disseram que enviaram um jornal pra mim e eu escrevi dizendo que não havia chegado, lembram? Pois ele chegou hoje (13 de janeiro) à caixa do correio daqui. Passado quase um ano... Pena que não tem a data de entrega dos Correios pra eu mostrar. Mas foi isso. Muito obrigada! Já divulguei o trabalho de vocês, vez ou outra compartilho alguma reportagem, mas como minha conta é privada e vocês não me seguem, não conseguem ver. Vida longa e próspera! Feliz 2022!

Da redação: a notícia boa é que, caso aconteça a descontinuidade do nosso periódico, podemos continuar circulando por muitos anos.

Marcelo Henrique Fala, pessoal, boa tarde. Pra avisar que chegou hoje aqui o jornal que vocês me mandaram. Já tá separado pra eu ir lendo essa semana, aos poucos. Já vi que tem coisa da Hilda Hilst e do Hans Ulrich Gumbrecht, que são autores que me interessam bastante. Obrigado mais uma vez pelo exemplar do jornal e parabéns pelo trabalho, precisamos de mais iniciativas desse tipo.

Carlos Eugenio Bom dia, gente, chegou o exemplar do jornal de vocês, adorei. O jornal é dez!

Flavia Saut Perfeito! Obrigada, pessoal, por serem guerreiros de Luz!

Teresa Silva Feliz Ano Novo para a equipe do **RelevO**!

Tere Tavares Conhecer o **RelevO** foi um momento importante na minha vida. Que ele exista para sempre. Feliz todos os anos aos editores e todos que fazem desse Jornal Literário uma realidade tão bonita.

Luciano Lanzillotti Saiu um pequeno anúncio de livro meu na página 21 do jornal, mas de imenso significado pessoal, do *Geometria do acaso* no **RelevO**. Projeto que vem sendo tocado no peito, na raça, e a quem interessar, creio que vale muito ser leitor, colaborador e anunciante.

Oswaldo Vilaça Poesias muito boas no Jornal de janeiro. Demorei a buscar o meu nos correios. Infelizmente, não havia mais nenhuma correspondência, só os costumeiros boletos atrasados.

Mateus Ayupe Lendo fisicamente o Jornal pela primeira vez. É o tipo de pérola que merece todo apoio do mundo. Precisamos de arte, de literatura, de beleza para viver. O que podemos fazer, como o jornal, é dar **RelevO** a isso, como pudermos. A arte subsiste nas trevas, ainda bem.

Thássio Ferreira Eu amo um jornal literário

Iata Anderson Acabei de abrir a edição de janeiro. Ler meu poema “Antropografia” nele foi uma surpresa maravilhosa. Sempre que vejo o envelope do **RelevO** na caixa de correio eu fico feliz demais, hoje fiquei mais ainda.

CAPA DE JANEIRO

Giovanna Gonzaga QUE PRESENTÃO DE ANIVERSÁRIO! Lindos!

Mauro Donato O **RelevO** foi uma excelente leitura durante o ano. Parabéns!

Felipe Gomes Que capa linda! Feliz 2022! Vida longa ao Jornal.

Céline Bernard Show de bola de mais essa capa.
Da redação: 3 x merci.

Ingrid Rodrigues Que capa linda!

Moema Vilela E que capa linda!

Walter Alfredo Bach A capista dessa edição é parente do Dali ou a imagem derreteu com o dinheiro?

Sérgio Costa Parabéns pelo **RelevO**! Um feliz 2022 para vocês!

Tiago Feijós Dia de ler o **RelevO**!

HOLY LAND

Juliana Pavão Jornal impresso e disco de vinil num domingo de manhã. Am I a hipster?

Marco Aurélio de Souza Das definições contemporâneas de privilégio: publicar um poemão ocupando duas páginas do **RelevO**. Tá tendo. Assine já e se torne você também um sujeito relevante.

Lilly Magaflor Excelente leitura! Super recomendo este Jornal. Conheçam, assinem, vale muito a pena.

POR FAVOR

Aline Oliveira Não tenho interesse em assinar jornal de literatura. Peço encarecidamente que só escrevam oferecendo assinatura pra quem tem interesse. Obrigado.

Saber ser novo, saber ser atual

Todo começo de ano, buscamos aprimorar, modificar ou nos esquivar de determinados comportamentos típicos da nossa estrutura. Refêrem de ciclos como sempre fomos — isso de ser mensal nos conecta ao tempo do calendário —, vamos, ao longo do ano, empurrando alguns problemas. Por exemplo, a dificuldade de manter em dia a leitura dos originais que nos são enviados, bem como a aversão (ou simples inaptidão) notória que temos das redes sociais.

Com relação ao nosso primeiro déficit histórico, começamos o ano lendo quase mil textos, retirando no mínimo 50 que podemos ler, reler, olhar para o lado e dizer: “aí sim, aí sim”. Ainda temos aproximadamente 500 leituras pendentes. Em 2021, tivemos um aumento de 30% nas submissões de textos, o que consideramos um excelente fator de interesse — e um dado angustiante. Mais textos lidos (e aprovados) indicam a possibilidade de prover edições mais coesas, tanto editorial como graficamente.

Entretanto, há duas questões crônicas nas não leituras. A primeira refere-se ao tamanho do nosso Conselho Editorial, atualmente composto apenas por editor, editor-assistente e um terceiro editor-leitor do meio literário, fora da nossa redação, consultado em casos de dúvidas mais complexas sobre o material submetido para análise. Somos dois (mais um, eventualmente) diante da vida e de uma pasta chamada “[0] Avaliar”, crescendo diariamente como a sede ao longo de fevereiro. Podíamos ser mais? Sim. Sem remunerar? De forma alguma.

O segundo aspecto é que recebemos muitos, muitos, muitos textos absolutamente ruins, equivocados, crus, fora das nossas normas básicas; textos que fariam corar estudantes do 4º Ano do Ensino Fundamental. São textos de política partidária mais afeitos ao cotidiano dos portais; textos sobre a primeira gestão do presidente de uma associação médica de Curitiba; textos escritos literalmente para o jornal da faculdade; textos que os autores queriam enviar para o outro jornal de literatura que também começa com a letra R; textos em que a bio (a qual sempre enfatizamos não ser necessária) parece ser mais importante que o texto.

Você deve saber por intuição ou por execução: ler diversos textos ruins, na sequência, um atrás do outro, é como caminhar descalço no asfalto; os cinco segundos intermináveis do cotonete do exame PCR no seu nariz; a sensação de acordar sem sentir o braço; o prelúdio turvo da sentença “quer ouvir algo desagradável agora ou conversamos depois?”.

Temos orgulho e medo da pasta “[0] Avaliar” e nunca negamos que somos um jornal de base. Muitos escritores e escritoras começaram suas trajetórias publicando em nossas páginas. Muitos sequer tinham passado pela experiência de ser remunerados por ligar uma palavra à outra, embora seja plenamente possível fazê-lo nos *maiores jornais de literatura do Brasil* sem receber um centavo. Enfim, sabemos que somos cancela de pesagem.

De modo algum negamos a satisfação de, em meio às trombadas desleais e aos jogos de corpo com vantagem para a defesa, encontrar aquele texto matador, redondo, que para em pé; o texto divertido, envolvente, estranho, porém “belo como o encontro fortuito de uma máquina de costura e um guarda-chuva sobre uma mesa de dissecação”, tal qual alegava o Conde de Lautréamont perante o que consideramos a ideia máxima de afetividade. São os textos bons que nos fazem esquecer que somos editores, que emulam a nossa velha vontade de simplesmente ler algo prazeroso (com todos os subjetivismos implícitos) e de dizer “olha isso aqui, olha isso aqui”.

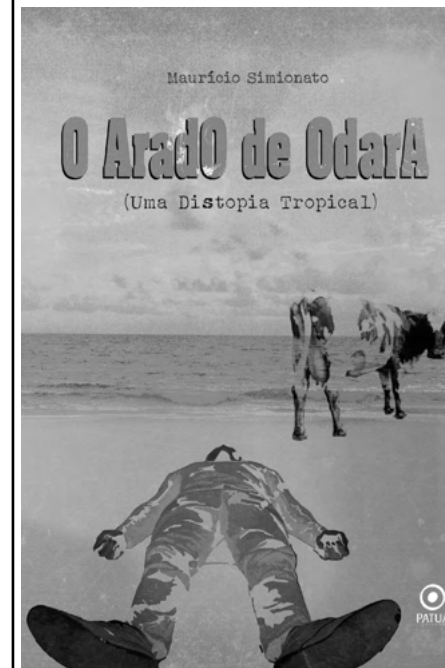
Acerca da nossa aversão às redes sociais, damos alguns passos na direção de aproveitar mais os benefícios e as facilidades das novas ferramentas, mesmo que sintamos certo desconforto em ser *insider* daquilo que nem queremos conferir tão de perto. Paralelamente, temos algumas ressalvas em relação ao VAR. De todo modo — e mais importante que isso, ao menos para nós —, subimos todas as edições da história do **RelevO** em nosso próprio site. Também estamos subindo todos os textos dos diferentes ombudsman.

Antes de tudo, somos um jornal impresso, envolvido na materialidade do ciclo mensal, com custos físicos, datas-limite. Não somos um projeto paralelo ou um *hobby*. Temos muitas informações sobre o nosso meio e nosso público e planejamos a nossa continuidade de acordo com as intempéries que se apresentam. Em meio a isso tudo, tentamos ser novos sem ser efêmeros, tentamos ser atuais sem abrir mão da nossa forma de ser e estar no mundo. O problema do VAR continua sendo os operadores.

Boa leitura a todos.

O Arado de Odara, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da “distopia tropical”, à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações – corpóreas e de pensamento – do homem",

Amanda Vital,
poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias “Impermanência” (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e “Sobre Auroras e Crepúsculos” (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017.

OMBUDSMAN

Osny Tavares

É engraçado esse troço de pensar em direitos do leitor. Não como o Daniel Pennac, mas como uma certa matéria de direito. Que direito, de fato, tem o leitor? O consumidor tem direito que o livro comprado tenha todas as páginas encadernadas em ordem, mas o leitor tem direito a uma coerência?

Quais direitos deveriam ter, então, quem lê o **RelevO**?

Ler é eufemismo de bisbilhotar.

O leitor tem, sempre, o direito de ler.

E os verdadeiros românticos mandam cartas.

Esta é a última coluna deste meu segundo período como ombudsman do **RelevO**. Obrigado pela leitura. Nos encontramos depois.



editora penalux

Editora Penalux

Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br

originais@editorapenalux.com.br

 @noslivros

 /acontecenoslivros

 acontecenoslivros@gmail.com

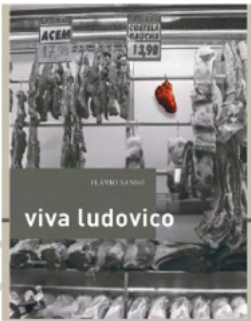
 /acontecenoslivros

 @acontecenoslivros

Acontece nos livros



APOIADORES



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



Uncanny Tales of Academia do Claudião

Bolívar Escobar

Quando decidi entrar para a vida da puxação de ferro, o Centro de Curitiba oferecia várias alternativas para quem estava em busca de um espaço para a prática da atividade física. Perto de onde eu morava, nas alturas da Rua Mateus Leme, existia um estabelecimento chamado Personal Gym: uma dessas academias de bairro, nada muito grandioso, mas com recursos suficientes para marombeiros dos mais variados espectros físicos praticarem suas rotinas.

O dono desse espaço se chamava Cláudio, um indivíduo musculoso, careca, mal-encarado, fielmente atrelado aos estereótipos. Pelas paredes da academia, exibia algumas fotos dos seus tempos de competição de fisiculturismo expostas ao lado de troféus e medalhas. Algumas pessoas, incluindo eu, o chamavam de “Claudião”, dado o seu porte avantajado. Entretanto, foi em meados de 2014, durante a campanha das eleições, que eu descobri que seu apelido oficial era “Boca de Lata”. A alcunha, advinda dos brilhantes *brackets* do seu aparelho ortodôntico, foi o nome de guerra usado em sua

campanha para deputado estadual pelo Partido Ecológico Nacional (PEN). Sim, eu também não sabia que esse partido existia.

Claudião Boca de Lata não conquistou o cargo, mas isso não evitou que, enquanto me passava instruções para o manejo correto do aparelho extensor de pernas, me explicasse brevemente suas propostas de campanha: combate à corrupção e melhorar, de uma forma geral, a vida das pessoas. O que realmente preocupava o Boca de Lata era a rápida ascensão das chamadas academias *low cost*, caracterizadas pelas franquias que se espalhavam pelas capitais, como a Bluefit e a Smartfit. Um conceito simples por trás de um modelo predatório de negócios: academias modernizadas, com espaços amplos e mensalidades muito baratas, que compensavam os custos pela quantidade de pessoas socadas lá dentro correndo nas várias esteiras disponíveis.

Enquanto ainda era seu cliente, contabilizei uma série de momentos memoráveis na academia do Claudião. Sou portador de lordose e membro

vitalício do clube da escoliose, então, por recomendação ortopédica, sempre tive que me policiar muito em termos de postura e carga dos exercícios. Tentei deixar isso claro para os instrutores do Boca de Lata. Um deles, ao me observar em uma das minhas primeiras sessões de supino, disparou um alerta: “cuidado que está torto. Vai crescer só a tetinha da direita”.

Em outro momento, Claudião confessou que estava enfrentando problemas com a justiça. Um aluno seu decidiu processá-lo após ser chamado de “abobado”. Tal aluno corria na esteira calçando sapatos, machucando os próprios pés, e não os confortáveis tênis que Claudião Boca de Lata gostava de recomendar. Brigas com alunos encrenqueiros ou sócios com comportamentos questionáveis eram frequentes. “Tem gente que vem aqui e fica de olho nas meninas. Esse animal que eu mandei embora nem carro tinha e achava que podia com qualquer uma”, me explicava Claudião, relatando a expulsão de um aluno que, embora frequentador das antigas, não conseguia segurar a boca fechada ao avistar

um rabo de saia. Ou de *legging*, mais provavelmente.

O apogeu das encrencas judiciais de Claudião aconteceu em um dia no qual, por capricho do destino, tive a sorte de ser testemunha ocular. Era segunda-feira, 11 de abril de 2016. No fim da tarde, logo após iniciar meu treino, uma equipe de carregadores, acompanhada de um agente de justiça, invadiu o recinto e começou a recolher os aparelhos. Como eu sei exatamente a data e o horário? O resgate desse registro está no Twitter:

"Evento aleatório do dia: a academia fecha, com direito a advogado e equipe de carregadores levando os equipamentos embora, durante meu treino".

Nesse dia, meu treino acabou um pouco mais cedo, já que os equipamentos necessários se encontravam na caçamba do caminhão que os oficiais de justiça alugaram para confiscar os bens do Boca de Lata. A academia ficou fechada por um tempo e reabriu em novo endereço, algumas boas quadras mais longe da minha casa. Isso me obrigou a adotar a bicicleta como transporte até a nova localização: entre chuvas, horários bizarros e trânsito perigoso, minha vontade era a de dispensar os serviços de Claudião e me render à Bluefit do shopping. Assim o teria feito, se já não tivesse acertado um ano inteiro de mensalidades por um preço reduzido.

Chegando no novo espaço, me deparei com as evidências materiais do estilo pragmático de resolução de problemas do Claudião. Afixadas pelos espelhos da academia, placas com os dizeres “Se você é corno, não guarde os pesos” ameaçavam a honra dos frequentadores do espaço:



Um problema crônico em academias por todo o mundo são as pessoas que se esquecem de devolver os pesos após utilizá-los. Esse problema cresce em complexidade, conforme as cargas aumentam, e geram um prejuízo social intenso a partir do momento em que pessoas com músculos menos treinados precisam reutilizar aparelhos que ficaram configurados para os monstros movidos a whey e hipercalóricos. Claudião considerou que a maneira mais fácil de resolver essa contenda seria apelando para o senso moral do indivíduo, resgatando a culpa católica pelas consequências da cobiça da mulher do próximo (perceba que “corno” está no masculino. Trata-se de um recado endereçado aos homens).

Nunca vi um peso fora do lugar na academia do Claudião. Ninguém quer ser corno. Ser traído é um fardo pesado. Dante reservou o último círculo do inferno, o ponto mais gelado e distante do paraíso, para os traidores. Meter o chifre é mais grave do que assassinar alguém? Desde o décimo

mandamento sobre a cobiça da mulher do próximo até a *Divina Comédia*, parece que o corno é posicionado de forma especial, quase como um pilar da sociedade. Imagino que, na baixa Idade Média, enquanto novas formas de legitimação do poder estavam surgindo pela Europa, considerar a traição como um crime tão grave não deveria ser algo tão estranho. Entre punhaladas nas costas, casos extraconjugais e decepções amorosas, reinados inteiros poderiam ser deixados em ruínas.

Antes da consolidação dos Estados modernos, das repúblicas e suas estruturas de poder separadas em esferas próprias, a ideia da legitimação de um rei ou de um governante passava pelo quanto seus seguidores eram fiéis a ele. O poder, por muito tempo, dependeu de acordos, casamentos, juramentos. Inclusive por isso que a época conhecida como Renascimento é tão lembrada pelo florescimento artístico e investimento em pinturas e esculturas pela Europa: a representação iconográfica de líderes, personagens religiosos e posses eram formas de criar legitimidade.

Mas não podemos deixar de inverter a lógica e investigar mais a fundo. Dante considerava a traição como o mais grave dos crimes porque ela, de fato, o era, ou por que ele sofreu alguma traição e quis se vingar em seus escritos? O poeta florentino foi acusado, em 1302, de praticar corrupção e enriquecimento ilícito durante seu tempo de atuação como diplomata em Roma. A sentença final foi o exílio, decretada pelo tribunal de Florença e encarada como uma traição por Dante: caso ele decidisse por retornar à cidade, seria levado à fogueira pela inquisição.

O restante da vida que Dante levou em exílio foi sua época de maior produtividade: a *Divina Comédia* foi publicada em 1320, um ano antes de sua morte. Recentemente, a Câmara de Florença revogou o exílio de Dante. Como ato simbólico, a partir de 2008, o poeta passou a não mais ser considerado um criminoso pela cidade.

O dilema filosófico está entre aceitar que repousa no conceito do corno um pesado julgamento moral, suficiente para estigmatizar um indivíduo, ou se Dante Alighieri e Claudião, a partir do emprego do conceito da traição em seus respectivos contextos, ajudam a legitimar sua importância, atrelando-o a pecados graves como a desorganização dos pesos em uma academia. Quem sabe se um chifrudo valente,

no ímpeto de questionar o status quo acadêmico, resolvesse deixar os pesos jogados de propósito, com orgulho dos próprios chifres, assim como os cantores de sertanejo universitário o fazem ao rechear suas melodias com lamentos de traição e superação. “Ser corno é bonito, ser corno é humano. Vote em um candidato corno”.

Em tempos de pós-modernidade, talvez o corno já nem esteja mais tão atrelado aos traídos do lago gelado de Cocytus: é possível que o termo tenha se desprendido, ganhado significados próprios. O corno já é a conotação de algo maior, mais grave que uma traição. Você pode levar uma facada nas costas e não ser corno, já não é mais um pré-requisito. Na dúvida, eu sempre guardei meus pesos.



poemas livros podcast conteúdo tradução
artigos
portal
fazia. poesia
oficinas coletâneas
concursos & chamadas inutensílios

acesse:
faziapoesia.com.br



catálogo esotérico

Luísa Monteiro

I) astrologia

e por te ter traduzido
em astros e linhas
adiamos pra outras luas
sua pele sob a minha

II) quiromancia

existem mãos de água terra ar e fogo. nós dois temos mãos de água. daí penso: watery thumbs. dedões de água. é o nome do nosso encontro. duas mãos aquáticas. nós dois transbordando na ponta dos dedos. os polegares dão conta da falta de sustento. watery thumbs. essa loucura de acordarmos juntos. saber que te gosto de manhã. saber que talvez te goste ainda mais de manhã. no seu tempo lento, seu carinho frouxo e seu olhar distante. indagações. dedões aguados. watery thumbs.

III) numerologia

tu vibrando sete
eu vibrando nove

beleza

mas quem

fica

de quatro?



"Impossível, ainda, não relacionar a obra de Lanzillotti ao último livro de Álvaro Pacheco, "Geometria dos ventos", e ao famoso poema de Raquel de Queiroz em sua homenagem. Deste último, um de seus versos pode se encaixar perfeitamente na tarefa de retratar esta obra tão sensível e bela que agora ganha o mundo: "Eis que temos aqui a Poesia, a grande Poesia". "

Leonardo Valente, escritor

"possui o vigor das obras perenes, feitas para enfrentar a ferrugem da banalidade" (Leal Kostav)

"(...) o poeta e a poesia não podem se preocupar em desmanchar tudo, provocar estragos" (Rose Calza)

"Lanzillotti produziu um livro "redondo" e importante, cuja leitura recomendo fortemente" (Mário Sérgio Baggio)

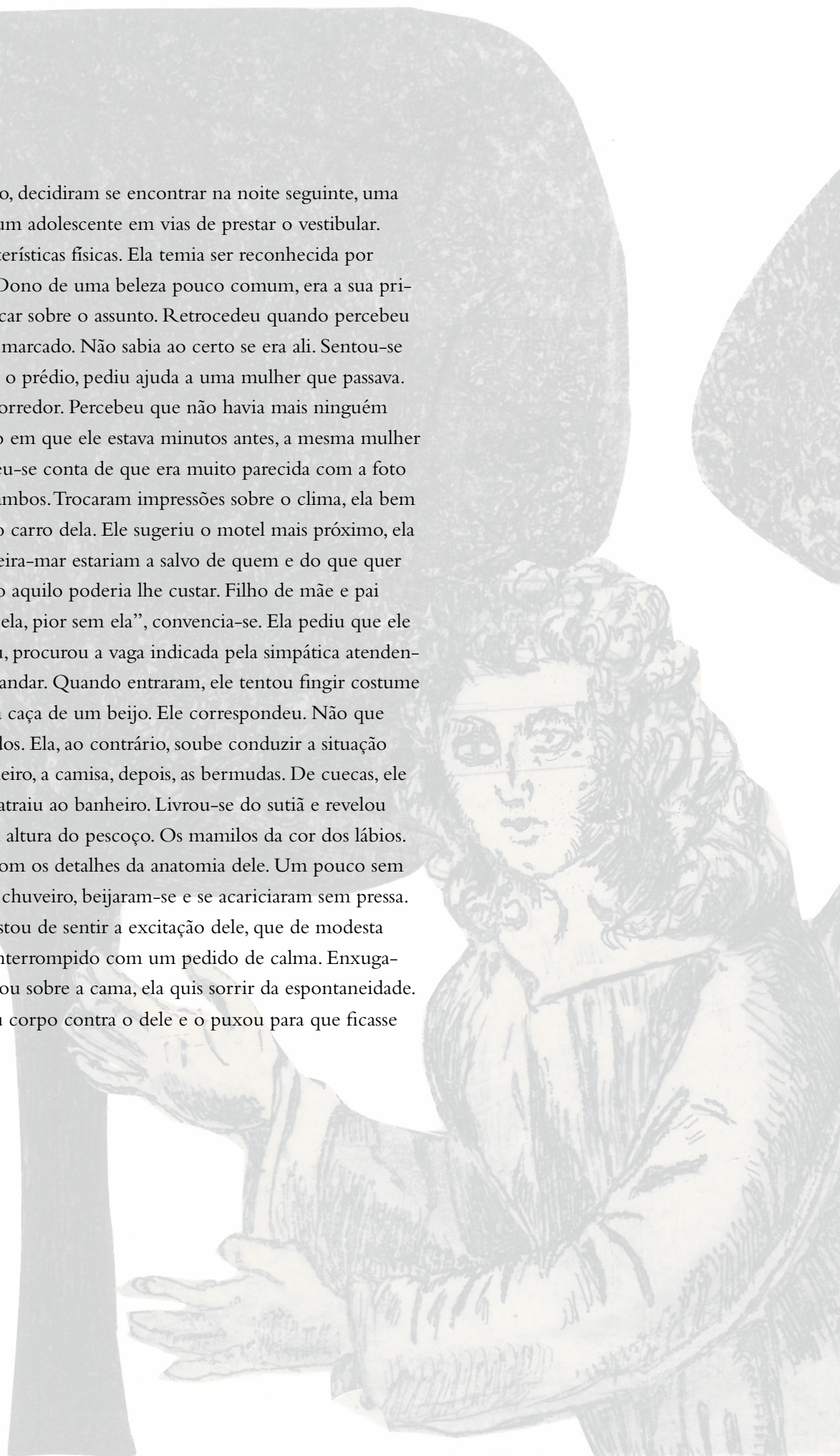
Geometria do Acaso, de Luciano Lanzillotti.

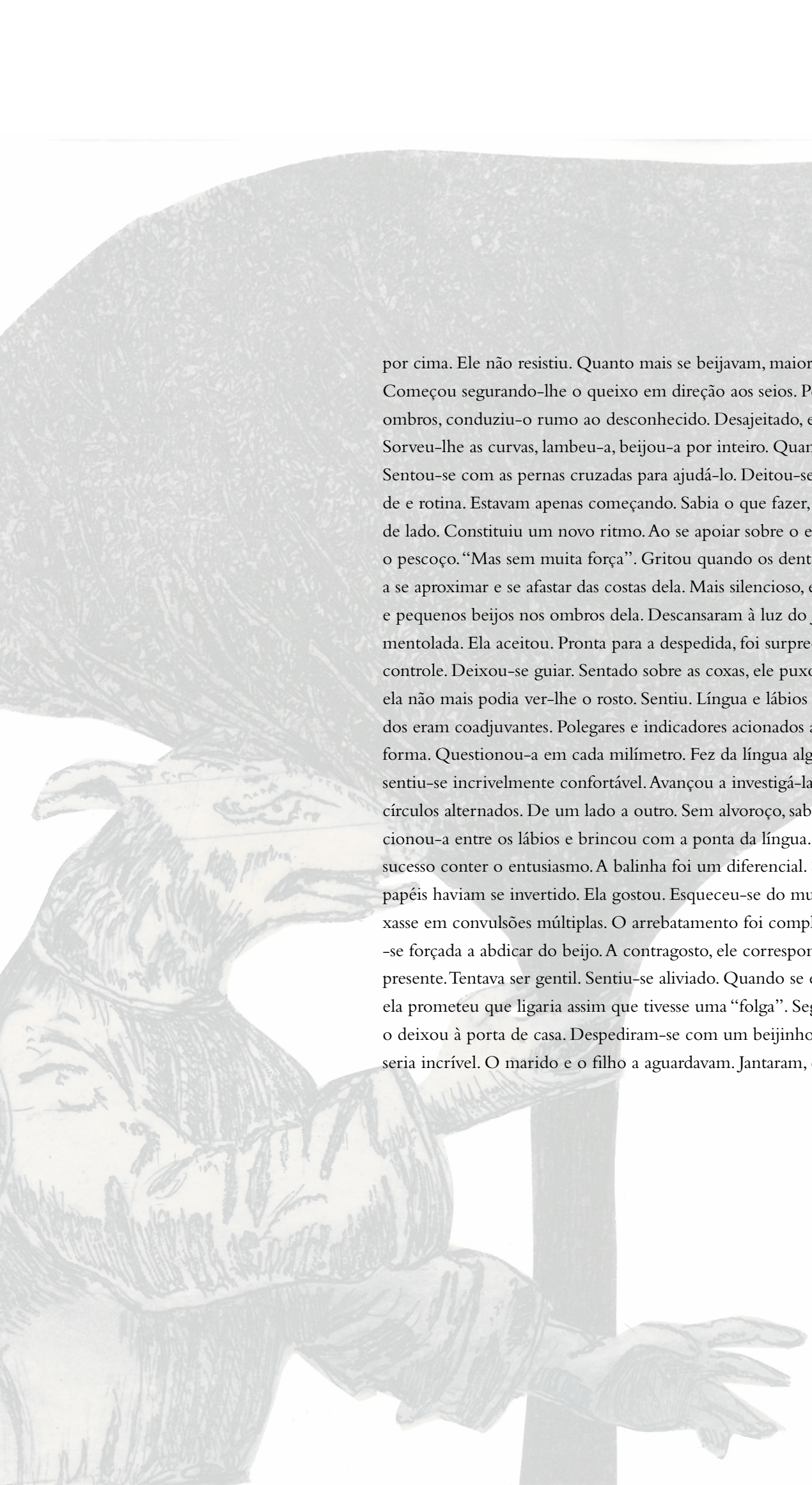
À venda em impresso e e-book na Editora Dialética e em diferentes sites do Brasil.

Rumba

Diogo Azubel

Tudo certo. Depois da curta interação em uma sala de bate-papo, decidiram se encontrar na noite seguinte, uma segunda-feira. Ela, uma executiva consolidada na área médica. Ele, um adolescente em vias de prestar o vestibular. Cumpriram o protocolo. Trocaram nome, telefone e algumas características físicas. Ela temia ser reconhecida por algum cliente ou parceiro de negócios. Ele, que não lhe agradasse. Dono de uma beleza pouco comum, era a sua primeira vez, mas nem pensar em compartilhar aquilo. Chegou a brincar sobre o assunto. Retrocedeu quando percebeu que ela não seguiria adiante. Por volta das 20h, ele chegou ao local marcado. Não sabia ao certo se era ali. Sentou-se e esperou. Quando sentiu que poderia se atrasar caso tivesse errado o prédio, pediu ajuda a uma mulher que passava. Quis saber onde era a academia. Ela, de pronto, indicou o fim do corredor. Percebeu que não havia mais ninguém para sair depois da aula de rumba. Voltou. Sentada no mesmo banco em que ele estava minutos antes, a mesma mulher que havia apontado o caminho. Apesar de um pouco mais baixa, deu-se conta de que era muito parecida com a foto que recebera antes. Cumprimentaram-se e riram da trapalhada de ambos. Trocaram impressões sobre o clima, ela bem mais intensa do que ele. Decidiram pelo inevitável. Seguiram para o carro dela. Ele sugeriu o motel mais próximo, ela se recusou. Dirigiu até um hotel distante do Centro da cidade. À beira-mar estariam a salvo de quem e do que quer que fosse. A única coisa em que ele conseguiu pensar era no quanto aquilo poderia lhe custar. Filho de mãe e pai divorciados, recebia uma mesada para lá de minguada. “Ruim com ela, pior sem ela”, convencia-se. Ela pediu que ele aguardasse no carro enquanto se dirigiu à recepção. Quando voltou, procurou a vaga indicada pela simpática atendente. Estacionou. Seguiram pelo elevador principal direto ao terceiro andar. Quando entraram, ele tentou fingir costume diante da suíte ricamente decorada. Ela trancou a porta e se virou à caça de um beijo. Ele correspondeu. Não que fosse inocente, longe disso, mas a inexperiência travou-lhe os sentidos. Ela, ao contrário, soube conduzir a situação com maestria. Enquanto se beijavam, ela lhe puxou as roupas. Primeiro, a camisa, depois, as bermudas. De cuecas, ele correspondeu. Top. Tênis. Meias. Malha. Virando-se de costas, ela o atraiu ao banheiro. Livrou-se do sutiã e revelou um belo par de seios naturais com pequenas sardas que chegavam à altura do pescoço. Os mamilos da cor dos lábios. Um marrom suave e leitoso. Quando puxou a cueca, ela brincou com os detalhes da anatomia dele. Um pouco sem graça, ele respondeu jogando-a sobre a tampa do vaso. Debaixo do chuveiro, beijaram-se e se acariciaram sem pressa. Apoiada contra a parede, puxou-o para que lhe beijasse a nuca. Gostou de sentir a excitação dele, que de modesta nada tinha. No afã com que tentou se desvencilhar do abraço, foi interrompido com um pedido de calma. Enxugaram um ao outro e seguiram de volta ao quarto. Quando ele se jogou sobre a cama, ela quis sorrir da espontaneidade. Deitou-se por cima dele e lhe acariciou a barba rala. Empurrou seu corpo contra o dele e o puxou para que ficasse





por cima. Ele não resistiu. Quanto mais se beijavam, maior o entusiasmo. Gentilmente, ela lhe ensinou os caminhos. Começou segurando-lhe o queixo em direção aos seios. Permitiu que se demorasse ali. Com as mãos sobre seus ombros, conduziu-o rumo ao desconhecido. Desajeitado, ele precisou de ajuda para encontrar o ritmo adequado. Sorveu-lhe as curvas, lambeu-a, beijou-a por inteiro. Quando começou a se sentir satisfeita, pediu que se vestisse. Sentou-se com as pernas cruzadas para ajudá-lo. Deitou-se de costas e esperou. Senti-lo era uma mistura de novidade e rotina. Estavam apenas começando. Sabia o que fazer, mas a inexperiência do parceiro a instigava. Colocou-se de lado. Constituiu um novo ritmo. Ao se apoiar sobre o espelho da cama, alcançou o ápice. Pediu que lhe mordesse o pescoço. “Mas sem muita força”. Gritou quando os dentes dele lhe puxaram a orelha. As mãos nos quadris, o tórax a se aproximar e se afastar das costas dela. Mais silencioso, ele tremeu sobre os joelhos. Alternou-se entre espasmos e pequenos beijos nos ombros dela. Descansaram à luz do jornal da noite na TV silenciada. Ele ofereceu uma bala mentolada. Ela aceitou. Pronta para a despedida, foi surpreendida com beijos ainda mais molhados. Tinha perdido o controle. Deixou-se guiar. Sentado sobre as coxas, ele puxou um dos travesseiros e assentou debaixo dela. Elevada, ela não mais podia ver-lhe o rosto. Sentiu. Língua e lábios em um só. Agitou-se quando ele a mordiscou. Ali os dedos eram coadjuvantes. Polegares e indicadores acionados apenas para abrir caminho para a inquisição que ganhava forma. Questionou-a em cada milímetro. Fez da língua algoz e salvadora. Quando as mãos dela tocaram a cabeça, sentiu-se incrivelmente confortável. Avançou a investigá-la. Insistiu uma, duas, três vezes. Para cima e para baixo. Em círculos alternados. De um lado a outro. Sem alvoroço, saboreou-a. Quando a fez transbordar, ele continuou. Posicionou-a entre os lábios e brincou com a ponta da língua. Com o travesseiro sobre o rosto, ela uivou tentando sem sucesso conter o entusiasmo. A balinha foi um diferencial. Soprou-lhe suavemente antes de voltar a usar a língua. Os papéis haviam se invertido. Ela gostou. Esqueceu-se do mundo enquanto deixou que seu corpo se enrijecesse e relaxasse em convulsões múltiplas. O arrebatamento foi completo, mas precisava seguir. Perdeu a noção do tempo. Viu-se forçada a abdicar do beijo. A contragosto, ele correspondeu. Quando perguntou pela conta, ela afirmou ser um presente. Tentava ser gentil. Sentiu-se aliviado. Quando se encontrariam de novo, ele quis saber. Enquanto se vestiam, ela prometeu que ligaria assim que tivesse uma “folga”. Seguiram de mãos dadas no carro de câmbio automático. Ela o deixou à porta de casa. Despediram-se com um beijinho. Dirigiu para casa com a certeza de que aquela semana seria incrível. O marido e o filho a aguardavam. Jantaram, discutiram sobre o dia e a rotina seguiu seu próprio fluxo.

Dani “Maya” Fragonese, a wiccanina

*Veterinária paulistana com especialização em fitoterapia conta exclusivamente ao **RelevO** como funciona sua rede de clínicas que concilia medicina intuitiva com misticismo científico – sem diferenciar humanos de animais.*

“Prefiro não ser chamada de ‘doutora’”, apresenta-se Dani Fragonese, sem explicar que o Conselho Federal de Medicina também jamais permitiria essa alcunha. “A verdade é que eu sofro de signofobia”, dispara Fragonese, mais conhecida como Maya, antes mesmo de aguardar a equipe do **RelevO** sentar-se em um dos diversos puffés orientais espalhados pela sala de estar de sua ampla casa em Higienópolis, coração bem cuidado de São Paulo. “Se chama zafú isso aí”, aponta delicadamente, enquanto observa a caderneta do jornalista. “É bem assim que se escreve zafú”.

Com o *slogan* “Seja seu próprio pet”, a rede Maya's Health se tornou uma das maiores *holdings* de saúde holística do Brasil, com sedes nas principais capitais com capacidade de controlar mosquitos – mesmo tendo “Comércio atacadista de embalagens” como atividade principal no CNAE. Fragonese, ex-loira e atualmente oscilando entre o cabelo vermelho cereja e borgonha, prefere se concentrar na questão dos mosquitos. “Botuca é capaz de acabar com um sistema de saúde inteiro. Não tem *flow* que dê conta”, reconhece. “Detesto Cuiabá”, ela complementa, para impedir o silêncio.

A piracicabana, filha de médicos, está radicada em São Paulo desde a graduação e o Lollapalooza 2016 – “boa fase do Alabama Shakes”. Curso Medicina Veterinária em uma faculdade de particular, sempre em busca de

desmistificar as fronteiras entre ciência e astrologia. Seu TCC, uma proposta de inclusão do signo nas fichas de atendimento de cães e gatos das clínicas brasileiras, foi recebido com (muito) espanto e (raríssima) admiração. De todo modo, a polêmica lhe trouxe visibilidade. “Sou muito capricórnio, mas também não sou”, resume Maya. Consciente da importância do aprendizado contínuo e de que as críticas falam mais de quem critica, também se especializou em fitoterapia a partir de uma série de cursos *online* do Instituto Árvore Sonha.

Entre acusações de perturbação mental da parte mais tradicional da família e sessões de psicodrama pagas pela outra parte da família, uma ideia se instalou e não abandonou mais a agitada cabeça de Dani Fragonese: unir sua profissão (veterinária) com seu *hobby* (medicina) com sua paixão (misticismo). Assim nascia a rede Maya's Health, “mais que wicca, wiccanina”.

Maya, meia, mia

“Me nego a tratar gente de Libra, tenho horror a signo de água; anotei isso na planilha para não correr o risco de lidar com essa... Bom, pera, todos são iguais e merecem um bom tratamento, ou o respeito que merecem”, enfatiza após servir chá de hibisco gelado para todos. “Quando você faz aniversário, moço?”.

Maya alega ser *muito* racional – “viva a ciência, o SUS etc.” – e adepta da

Teoria do Semáforo, também conhecida como Sistema das Luzes: “verde é pra arriscar, amarelo é pra ter cuidado e vermelho é para evitar dupla falta nas partidas de tênis do condomínio, o que é muito inteligente se a gente parar pra pensar”, reflete. “A vida é saber conciliar essas cores: isso vale pra investir em bitcoin, pra pets, pra minha relação com o Dudu. Nossa, filosofei, né, haha; adoro um papo-cabeça”, ressalta.

Ainda na faculdade, em estágios supervisionados por um tutor, Maya observou que muitos pacientes (pets) não queriam apenas compreender a natureza de seus sintomas, mas também saber se aquilo nas costas ou nas patas poderia ser karma ou o popular olho gordo (ou apenas obesidade). “Evito a expressão ‘coisa-feita’ por respeitar muito as religiões de cor, mas sim, *óbvio*, os animais sempre falaram comigo; com vocês não?”.

Maya recorda com especial emoção o dia em que apareceu em casa com a dálmata Malu, na família há quase dez anos, com a tatuagem Carpe Diem na testa, além de um piercing em um dos oito mamilos. “Ela sempre quis. Fui apenas uma agente entre o sonho e a realidade: é a minha vocação”.

Todos somos um só

Em meados de 2021, quando ainda éramos obrigados a assistir a Vasco x CRB sem público e sem poder beber publicamente até não enxergar nada, Maya teve o que considera seu grande

insight na pandemia: o fim da ideia de raças. “Isso não tem a ver com o meu motorista particular, e sim com uma crise entre uma paciente e seu Lulu da Pomerânia”. Depois de ser desencorajada por todos os amigos a quem contou seus planos, ela se empolgou com a ideia mais humilde de alavancar sua clínica veterinária para seres humanos, borrando as linhas entre pessoas e animais domésticos.

Maya conta que uma cliente conhecida como João do Alphaville tinha sempre o mesmo problema: com quem deixar seu pet enquanto fazia sessões de quiropraxia na região? “Era uma loucura porque todos detestavam aquele cão. Tive um dia que o Lulu rasgou a camiseta da nossa secretária, lambeu seus mamilos e ejaculou em seu antebraço. A secretária jogou o pet pela janela e ainda processou a nossa clínica por eu supostamente ter dito que o cliente tem sempre razão. O Lulu passa bem”.

Após o que classificou como pequeno incidente, Maya resolveu abrir uma portinha ao lado de sua clínica veterinária para cuidar de pessoas; alimentá-las, tosá-las e até amá-las, se possível. “Os cães se sentiam incomodados no começo, mas logo se acostumaram com a companhia”. Para atender pessoas sem licença para tal, o pulo do gato – ri Fragonese – consta de uma autodeclaração em que a pessoa se assume como animal doméstico e se responsabiliza pelas consequências



do tratamento, tendo um pet como avalista, ou “patalista”, como prefere chamar.

Embora a medida seja um tanto rocambolesca, a verdade é que a Justiça ainda não acompanhou a gambiarra, o que tem permitido à Maya's Health ganhar tempo e ampliar a sua malha de clientes e advogados. Sem ter a mínima ideia, a verdade é que Maya se mostrou uma empreendedora sagaz. “Já falei, sou de capricórnio, p★ra”.

“Na minha clínica, nunca distin-
guimos humanos de pets, tanto que
o Jorge foi operado no mesmo dia
que o Toby, lado a lado. Foi o dia mais
emocionante da vida do Jorge, embo-
ra l’au’mentemos pelo Toby, que teve
uma parada cardíaca”, relembra, disfar-
çando o que parecia um ensaio de sor-
riso. “Sobre a namorada do Jorge, não
sei o que dizer; ela é realmente bonita,
emocionalmente volúvel e chora mal,
o que até me lembrou de um samba

de outro Jorge, o Aragão, nosso cliente: ‘não me comove o choro de quem é ruim’. Ele e o Pacato gostam muito dessa música”.

A verdade é que, em menos de seis meses, o modelo de negócio de Maya cresceu a ponto de os consultórios se transformarem num imenso hospital, mesclando práticos contêineres com paredes de *dry-wall*. “Hoje podemos dizer que atendemos todas as especialidades e universalidades... exceto crianças”.

Futuro místico

“Tenho pensado em substituir a alcunha ‘paciente’ por ‘resiliente’”, relata Maya, que confessa às vezes cansar de uma abordagem mística para seus resilientes pets e humanos. “Em *off*? No Mercúrio Retrógrado todo mundo tem direito a uma Neosaldina”, ela sussurra com um gato *ragdoll* no colo.

Segundo ela, Marvin sofre de “desalinhamiento espiritual das águas de uma vida anterior”, ao passo que Jonathan, seu dono — deitado ao lado, com o dorso dentro da casa de cachorro —, “sofre por ser meio corno mesmo”.

Mais do que misturar pessoas com animais e interpretar os problemas de ambos por um viés mágico, Fragone-se quer transformar a clínica em um *marketplace* de experiências. “Temos um sistema personalizado de milhas, em que cada consulta acumula pontos justamente na área em que a pessoa está com problemas. Por exemplo, aqueles que têm cirrose, a cada cinco consultas, ganham *vouchers* pro Bar do Paulo. Assim, garantimos a sustentabilidade do consultório e a felicidade do cliente”. Ela já conta com uma rodada de investimentos do fundo árabe *يل اودم ذخ* – *يرعت* – e alguns memes engatilhados.

“Nossa novidade para 2022 é o Dr. Alex Gama, que tem o dom de diagnosticar não só as doenças presentes, mas também as passadas dos nossos resilientes. Por exemplo, a velhinha Judite descobriu que já teve bursite quando era lavadeira na Minas Gerais do século 17. Ela só não ficou feliz em saber que era negra, mas aí a Judite que lute”. Alex Gama – que também não é médico (“no sentido tradicional e ultrapassado”, interrompe Maya) – oferecerá seu serviço por meio de um *app* da Maya’s Health. Para tanto, ela procura desenvolvedores. “Infelizmente, gatos ainda não programam em Java”.

Antes de sairmos, perguntamos o segredo de tamanho sucesso. Dani Fragonese não hesita: “quando o cliente é muito mimado, encaro o fornecimento de placebo como uma oportunidade de crescimento”.

COLATERAL TERROR

E N C L A V E

a newsletter semanal do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



Que experiência reassistir a *Colateral* (2004), *blockbuster* de **Michael Mann**. Acredito que muitos o tenham encarado no mesmo contexto deste editor, isto é, há muito tempo. Dois amigos contaram o mesmo relato: “vi com meu pai no cinema”.

Lembro de ter visto *Colateral*, mas pouco me lembrava. Na miríade de opções disponíveis para assistir a um clique, sem pensar muito, decidi reassistir. Esta *newsletter*, como salientamos no texto sobre *After Hours* (1985) – uma beleza relativamente esquecida de **Martin Scorsese** –, gosta muito de cenários noturnos e dos desdobramentos narrativos típicos deles.

Pois lembro de gostar de *Colateral* e de considerá-lo um bom filme. Acontece que, agora sem risco de ser traído pela memória, sei que *Colateral* não é um bom filme, mas um neo-noir extraordinário (néon-noir?).

A premissa é simples: a noite do taxista Max (**Jamie Foxx**) acaba entrelaçada com a do matador de aluguel Vincent (**Tom Cruise**). O assassino precisa do motorista para ir de um trabalho a outro; sem querer, sua ocupação acaba revelada ao condutor, que – ameaçado – não pode interromper seu itinerário. Completam a película Jada Pinkett Smith, Mark Ruffalo e Javier Bardem.

A partir disso, testemunhamos um roteiro impecável, redondo e fechado (quase simétrico!) como o ouroboros. Ele é carregado por dois personagens carismáticos e brilhantemente

interpretados por Foxx e Cruise. O primeiro traz humor ao drama com reações/expressões sutis; o segundo, bom, quem não dá o braço a torcer por Tom Cruise *dentro de campo* só pode fazê-lo por implicância.

Afinal, Vincent é o pivô do filme. Fardado com um terno cinza (como **Robert De Niro** em *Heat*, a outra obra-prima de Michael Mann), o vilão é um lobo completo: seu cabelo e, principalmente, sua visão de mundo são cinza. Por sua vez, Max, apesar de competente e esperto, vive entre o medo e o comodismo. Para impedir Vincent, portanto, ele precisa ser mais Vincent.

Conforme a narrativa avança (sem *spoilers*), identificamos as fraquezas dos dois protagonistas – e como eles se complementam. O desenvolvimento de Max é espetacular: gradual, divertido, coerente. Por meio de sinais visuais, falas e ações (num bolo só), ele é compreensível o suficiente para gerar uma aula de semiótica, mas não explícito e mastigado a ponto de acabar com a fluidez da descoberta.

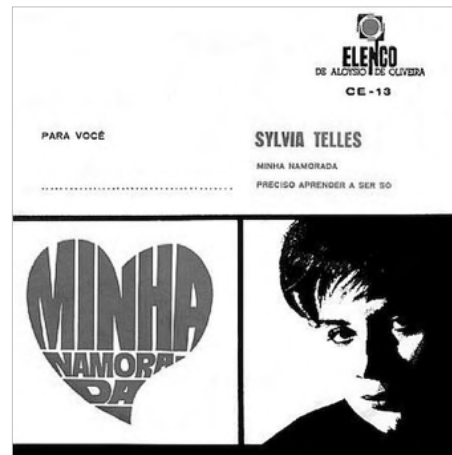
Mann pincela essa narrativa com cenas noturnas belíssimas, carregadas de contemplação. Viajamos com o táxi, vemos as luzes de Los Angeles e nos surpreendemos quando o diretor assim deseja. Como toda grande obra, seu drama não anula diálogos genuinamente engraçados. *Colateral*, enfim, é um filmaço em que os personagens avançam com (e graças ao) enredo.

PRECISO APRENDER A SER SÓ

Marcos Valle — Paulo Sérgio Valle
1964

Preciso Aprender a Ser Só foi apresentada em 1964 por Sylvia Telles como lado B de *Minha Namorada*, arranjada e conduzida por Lindolpho Gaya. Enquanto *Minha Namorada* se tornou um sucesso d'Os Cariocas, *Preciso Aprender a Ser Só* obteve uma popularidade imediata entre músicos e foi gravada mais de 100 vezes apenas nos anos 1960.

Sylvia Telles gravou a música mais vezes em 1966 – uma vez ao



bone, Johnny Coles no trompete, Ron Carter no violão e Dom Um Romão na bateria. A música foi arranjada e conduzida por Al Cohn.

Entre as várias belas versões, a d'Os Cariocas (arranjada por Severino Filho), a de Flora Purim (arranjada por Cipó) e a de Elis Regina com o Rio 65 Trio são especialmente notáveis.

Em 1966, Maysa gravou *Preciso Aprender a Ser Só* junto de



Fora do Brasil e dos Estados Unidos, *Preciso Aprender a Ser Só* foi gravada pela primeira vez – aparentemente – em 1967, pelo cantor italiano Mina, com letra adaptada por Tania Bellanca. Posteriormente, a música também foi gravada por Milt Jackson e Sarah Vaughan.



americano *Brazilliance! Marcos Valle and his Music*. Ambas foram arranjadas e conduzidas por Eumir Deodato. In 1968, ele gravou uma versão com voz de *If You Went Away* em seu disco americano *Samba '68*.

Intitulada *Learn to Live Alone*, Ray Gilbert escreveu outra adaptação em inglês da letra em 1966. Ela foi gravada pela primeira vez por Astrud Gilberto, com Bob Brookmeyer no trom-



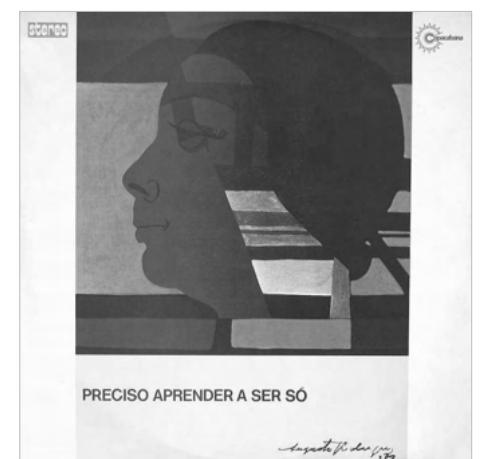
vivo, no Teatro Santa Rosa (Rio de Janeiro), com o Tamba Trio e o Quinteto Villa-Lobos; outra no estúdio, arranjada e conduzida por Lindolpho Gaya e cantada em inglês, com letra de Ray Gilbert e o título *If You Went Away*.

Marcos Valle gravou a música pela primeira vez em seu disco *O Compositor e o Cantor* com a letra original, além de uma versão instrumental em 1966, como *If You Went Away*, em seu disco



seus primeiros sucessos *Demaís* e *Meu Mundo Caiu* como um medley chamado *Fantasia de Trombones*, primorosamente arranjado por Erlon Chaves.

Em 1972, Elizeth Cardoso escolheu *Preciso Aprender a Ser Só* como música-título de seu disco duplo arranjado e produzido por Erlon Chaves, encerrando com uma interpretação completa após duas curtas versões a cappella de 35 de 23 segundos.



RelevO apresenta **Brazilliance:**
a música do mês para o conhecedor sofisticado!
Ouça as gravações por meio do código
QR ou conheça a canção nº 157 no
BRAZILLIANCE.wordpress.com





Anúncio de jornal

Daniel Moraes

Urbana já contava mais de uma década de viuvez quando resolveu colocar aquele anúncio no jornal: “Dona de casa, aposentada, busca homem jovem, de até 30 anos, para fodê-la. Paga-se bem”. Um atrevimento que só fora capaz de dar cabo depois de se perceber negligenciada pelos filhos, que só queriam saber dela quando precisavam de dinheiro.

Conseguiu publicar o anúncio do jeito que queria. O responsável pela página argumentou que ele não podia sair daquela forma, com aquele verbo. Mas Urbana bateu pé, colocou mais umas cédulas na mão do funcionário e o anúncio saiu – constrangimento que, quem sabe, poderia ser evitado se existissem puteiros para mulheres no país.

Agora estava ali o seu anúncio, entre outros tantos de vendas de móveis e batedeiras, no principal jornal da cidade. Leu e releu aquela frase algumas vezes, depois foi até o grande espelho do quarto.

– De chambre ninguém fica bonita mesmo.

Tirou todo aquele pano, amarrou os cabelos e encarou seu corpo nu. Concluiu, depois de criteriosa análise, que não ia tão mal para os seus 76 anos. Os peitões caídos sobre a barriga volumosa tinham seu charme. A bunda, vá lá, não era grande coisa, mas

o que lhe incomodava eram os pelos pubianos – volumosos e grisalhos como os cabelos da sua cabeça.

Já estava com a gilete na mão, de pernas abertas em frente ao espelho, quando se deteve. Não depilaria mais coisa alguma. Seu marido era homem morto, graças a Deus.

Dali a dois dias apareceu o primeiro sujeito, um garoto que não devia ter mais de 20 anos. “Podia ser meu neto”, Urbana pensou ao dar passagem para que ele entrasse no apartamento.

– Sente aí – apontando para o sofá da sala, ainda novíssimo, protegido por uma capa de plástico.

O rapaz obedeceu.

– Então você leu o meu anúncio?

– lançou a pergunta enquanto tirava duas notas de cem da bolsinha de moedas.

– Sim.

– É a sua primeira vez?

– Não, estou nessa vida há um ano.

– Pois muito bem.

Urbana então removeu o vestido, deixando livre toda a sua gordura, que agora se espalhava pelo resto do corpo como queijo derretido. Agarrou o homem pela cabeça e o pressionou com toda a força de que foi capaz contra os seus pelos.

– Chupa, cachorro.

Mais tarde, envaidecida, contou tudo para as amigas da igreja.



A Orquestra dos Inocentes Condenados, de Milena Martins Moura, totalmente concebido durante a pandemia da Covid-19, trata dos impactos mentais do isolamento social sob a perspectiva da neurodiversidade.

venha rápido pois tenho pressa
tenho uma pedra
então entenda
o mergulho nessa água escura
é um risco
que eu só vou aprender a viver
depois do salto
um risco é o que se corre
e eu tenho pressa
meus braços são tão fracos
e eu tenho pressa
mesu olohs tmê falhaod
e eu tenho me evitado
no reflexo do poço
eu tenho pressa
da palavra pesando meu corpo
de levantar os olhos e ver
e ver
cada silêncio é uma imagem a menos
então venha rápido
antes da próxima maré
que nessas águas repousa a coisa morta
que se perdeu de mim durante a última
música

Milena Martins Moura
Editora Primata

Disponível pelo site da Editora Primata
(www.editoraprimata.com/).

A Orquestra dos Inocentes Condenados

poesia

ISBN: 978-65-88866-57-3

102 páginas

R\$ 35



William Carlos Williams

Traduções de João Moura Fernandes

O touro

Está em cativeiro —
cabrestado, argolado, preso
a um arado
o touro é como um deus

Diferente das vacas
vive sozinho, fuça
delicadamente a grama macia
para passar o tempo

Ele se ajoelha, deita
estica
a pata dianteira e lambe
o próprio casco

então fica
com os olhos semicerrados,
Olímpico tratado sobre
a luminosa passagem dos dias.

— Através
de pinheiros lustrosos —
por onde o vento
ainda brinca —

o sol abaulado
amacia sua laca
sua substância dura
como marfim ou vidro —
Sem leite

ele cochila
o cabelo entre os chifres
e os olhos embaraçado
de cachos dourados

The Bull

It is in captivity —
ringed, haltered, chained
to a drag
the bull is godlike

Unlike the cows
he lives alone, nozzles
the sweet grass gingerly
to pass the time away

He kneels, lies down
and stretching out

a foreleg licks himself
about the hoof

then stays
with half-closed eyes,
Olympian commentary on
the bright passage of days.

— The round sun
smooths his lacquer
through
the glossy pinetrees

his substance hard
as ivory or glass —
through which the wind
yet plays —
Milkless

he nods
the hair between his horns
and eyes matted
with hyacinthine curls



“Lugar comum, de Mariana Paim, concentra uma poética mobilizadora de afetos. Digo afeto enquanto poder ativo de afetar ou passivo de ser afetado.”

Nívia Maria Vasconcellos, escritora e pesquisadora.

“Um conjunto de poemas que nos tocam e pedem perene passagem, como um mar, cujas águas sempre molham de encanto nossos pés.”

Clarissa Macedo, escritora e pesquisadora.

Instagram: [@marianaspaim](https://www.instagram.com/marianaspaim)
Adquira seu exemplar: editoraurutau.com

Jovem plátano

Preciso te contar
essa árvore jovem
cujo tronco rijo e redondo
entre a calçada

molhada e a sarjeta
(onde a água
escorre agora) se projeta
corporalmente

para o alto com
um impulso
ondulante até a metade —
e então

ramificando-se e minguando
espraiando
galhos jovens para
todos os lados —

carregado de casulos
ele afina
até não sobrar nada
salvo dois

gravetos excêntricos
curvados
para frente
como chifres no topo

Young Sycamore

I must tell you
this young tree
whose round and firm trunk
between the wet

pavement and the gutter
(where water
is trickling) rises
bodily

into the air with
one undulant
thrust half its height —
and then

dividing and waning
sending out
young branches on
all sides —

hung with cocoons
it thins
till nothing is left of it
but two

eccentric knotted
twigs
bending forward
hornlike at the top



De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: "cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha". A exemplo da "escrita imediata dos meteoros", a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, "... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia". Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também. Por Alberto Bresciane



melaço

Érika Santos

“o rato come tudo
inclusive o dia”
Richard Plácido

quando for princípio
oceano
deságua em mim
teus dentes

espera também que eu te diga
(o céu é cheio de imortalidades)

quando for passeio
vão

se chegue na curva

a língua é sempre doce
fim e mel

seus olhos cansados
dessa luz de fim de dia
repousa em meu
azul e
esse fundo que
que me cobre
quando te chamo

é o vento sem norte
é a lua gritando
(fechem as portas)
são os ratos
roendo
o teto
enquanto te beijo

Máquina de costura

Mônica Silva

Voltando do enterro da mãe, esbarra no susto de ter a casa só para si. Se temesse o inferno, expulsaria o pensamento. Mas se permite o aze-dume daquele último deboche. Não quer sair. É uma dor respeitável. Minha mãe morreu e estou livre de ser simpático por um tempo. Corre os olhos pelos móveis cobertos com bordados. Os bordados combinando com tapetes. Tapetes demais para pouco chão. Escolhidos à sua revelia. Agora poderia despir a casa do rosto materno, imprimir sua estampa. Mas teria disposição? E o que mudaria, afinal? Fazer nada parecia-lhe a verdadeira liberdade. Descansado enfim da culpa amordaçada: permanecer. Obedece ao chamado da cadeira perdida no meio do corredor, convite a sentar.

Silêncio.

Quanto desejou a ausência de ecos e comentários supérfluos! O silêncio é fácil como abrir os olhos. Se instaurava feito pacto com os amigos, que o escolherem e acolheram. A mãe não entendia, e teve tempo. Agora não mais.

— Você viu, filho, Agnaldo Timóteo morreu.

— Quem é esse?

Henrique sabia bem, mas precisava escancorar seu desinteresse. As conversas sempre fluem para ela.

Atenção, dona de casa!

Está passando na sua rua um caminhão de limpeza.

É isso mesmo!

VASSOURAS, RODOS, DETERGENTES, DESINFETANTES.

Atenção, dona de casa!

Está passando na sua rua o caminhão de...

Por que o vendedor não assume que aquilo é uma Kombi? Henrique deixa-se levar ao portão. Não abre. Não precisa. A casa cheira ainda à antiga dona. Só testemunha o degra-dê, do rosa passando ao alaranjado até chegar sem aviso ao verde. A voz da mãe penetra como o cheiro de desinfetante, docemente áspera. Meu filho

me ajuda, no tempo dele... ao menos trabalha-estuda, tira-o-prato, forra-a-cama, varre-passa-pano. Pena, nunca vai ter família. Isso não é vida. Quero só ver quando eu fechar os olhos. Na sua inocência bruta, ela nem percebia. E sabia, como ninguém, fazer um elogio soar feito insulto.

É uma dor respeitável, mesmo que inventada.

Henrique solta as rédeas dos olhos, que desembestam pelo corredor, farejam os cômodos e voltam para onde teria sido a sala. Obra inacabada, apêndice da garagem que nunca recebeu carro. Casa feita para não servir. Piso ainda grosso. Também podia parecer, a quem passasse na rua, que ali se ensaiava uma cozinha. Do lado esquerdo, uma geladeira velha e um fogão retrô que Henrique trouxera do último namoro-quase-casamento. Duas das poucas coisas que não vendeu quando concluiu que a vida a dois não lhe cabia mais. E voltou a dividir a vida com a mãe, logo ela, que não sabia receber sem controlar. Num repente se viu menino, alimentado, lavado-passado nos horários dela. No lado direito, escondida da vista de estranhos, a lavanderia, com a parafernália própria e nunca organizada o bastante. Ali ela se queixava de fazer os serviços que não permitia que ele fizesse.

Boca banguela escancarada para o breu, quarto sem porta. Pela virgindade perdida tentou inaugurar alguma cumplicidade com a mãe. Foi com uma moça, graças a Deus. Bem que me disseram que tu não era santo. Também o que ela esperava? Que eu guardasse o pau pra terra comer? O cu, ao menos. Mais tarde, namorados não virariam palavra. Qualquer homem era o possível “arrumadinho” de Henrique. Ela inventava os mais estranhos adjetivos para aquela felicidade lisa feito sabonete, não sabia por onde pegar. Deus não podia se agradar disso.

Quando a vida ainda não tinha se hibridizado, Henrique veio de visita. Engoliu o riso quando a mãe atendeu

à porta tentando aprumar os cabelos, camisola do avesso. O caso se recompunha no banheiro, inventando barulho de escovação, sabe lá. Crente sem ser cristã, segurava-se nos cabelos do Cristo para salvar-se da carne. Claro, não era surpresa para Henrique: a mãe transava. Surpresa seria para ela saber que ele sabia. Deus o livre!

Porém, foi deixando de se ver mulher, desejo a definhar. Depois dos quarenta envelheceu aos lotes, cinco anos em cada aniversário. Ceder à letargia de quem tem mais passado que futuro, quem dispensou a obrigação de afetar pureza. Adoeceu antes de adoecer. A velhice lhe daria por coroa a santidade que os hormônios não haviam permitido. Sim, estava fazendo a vontade divina, não a dos homens. Ao contrário do filho, esse fraco, que cai de joelhos aos apelos da carne. Abominação. Depois de tanto pranto e ranger de dentes nesta pele, outros prantos o esperam.

Não foi de repente que a sina de filho único o arrebatou. Veio mansinha, se insinuando sob os paninhos que tentavam esconder a idade dos móveis. E se não estivesse lúcido o bastante para ser prático? Sonâmbulo arcara com os trâmites fúnebres. Fácil até. As miudezas se revelam mais trabalhosas. Nunca pensou na mãe como dona de tantos detalhes. O cotidiano é uma colcha dos nossos desencontros. Esse colar de coruja com olhos de ametista, por que nunca o vi no pescoço dela? E daí? É vender tudo, e o que não se vende, se doa. E o que não se doa, é lixo.

Respeitável chorar por ser deixado, ainda que a pessoa tenha partido a contragosto. Ainda que não houvesse prazer na companhia.

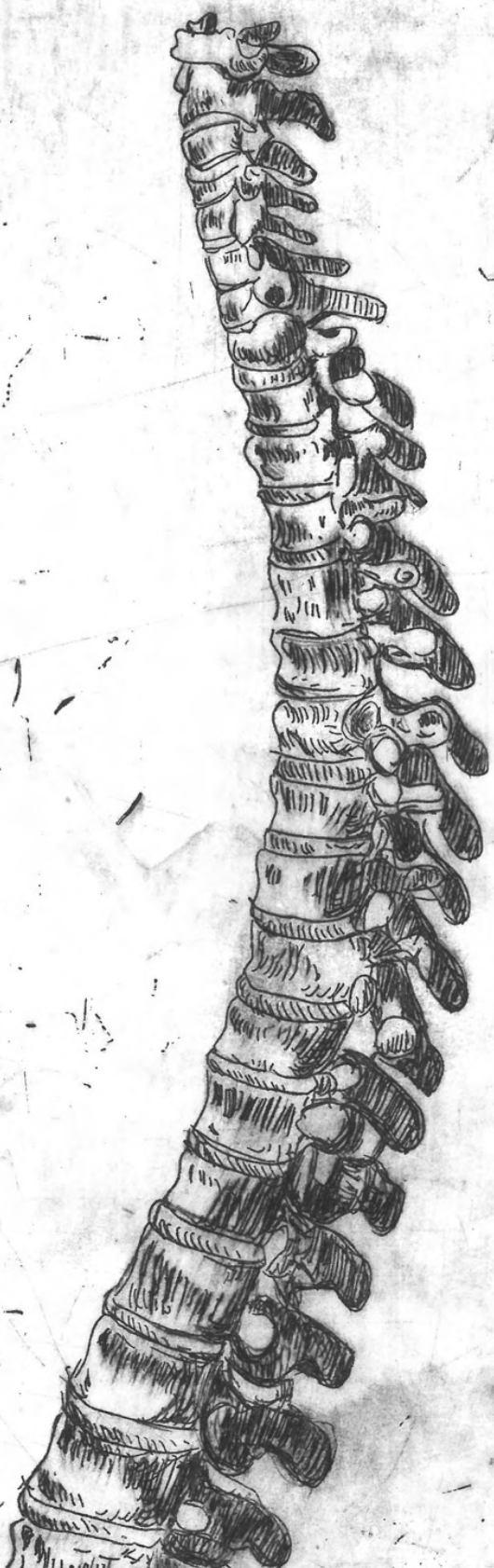
Amontoadas, as quinas dos armários murmuram a agudeza das topadas. O pedal da máquina de costura conserva o pisar ritmado. Evoca as tentativas dela de fabricar naqueles instantes algum significado para uma vida já despida de importância.

Sentado no chão, Henrique encara as pontas soltas. Bastariam alguns sacos. Era enchê-los e entregá-los nalgum centro de caridade. Vou almoçar, depois penso. Bom mesmo era queimar tudo, até a casa. Abominação é essa casa sem janelas, isso sim.

Cheiro de pão recém-saído do forno. TV ligada, falando para ninguém. Era minha mãe, e nada mais. Me sepultou me parindo. Se todos os espinhos atravessasse só, o que me move agora à prece? Ela que atravessasse. Morar sozinho sim, mas não aqui. Saída fácil era um cachorro. Comprado por raça para encher as vistas, eleito por beleza, como elejo meus amores. E quando me perguntarem por que não adotei, soltar que prefiro o belo ao abandono. Lógico, quando decidi crescer me avisaram. É preciso carne tesa para não ser pequeno. Sair empalando desejo, andar desconjuntado vida afora. Meus pedaços dispersos, só orifícios. Eu preciso disso? Quão viável é ser inteiro? Como os outros fazem? Sensação de estar na pele que costurei para entrar em cena.

Por duas semanas não viu a rua. Não tirou lixo, não pegou cartas, deixou o carteiro desistir, que entupisse a caixinha até jorrar boletos e folhetos das novas pizzarias da região. Não cozinhou, tampouco lavou prato, talher, copo. Pedia comida sem nacionalidade, pagava pelo aplicativo, o entregador era avisado para tocar e sair, feito jogo, mas deixando na porta o pacote. Henrique rastreava e tociaia até ter certeza.

Uma noite, depois de dormir o dia inteiro, caminhou manso pelo corredor. No banheiro, pingou oito gotas de óleo essencial de lavanda e respirou fundo. Deixava a lâmina no box, para facilitar, mas hoje usaria na pia. O banho raspou a crosta dos dias. Misto de vapor e filete de vento no corpo ainda molhado. Toalha na cintura, fez a barba. Andou até a garagem sem carro e abriu o portão.



Trecho de *Gritos*

Joyce Mansour

Tradução de José Paulo Paes

Me deixa te amar
Me deixa lamber os teus olhos fechados
Me deixa furá-los com a minha língua pontuda
E lhe encher as órbitas com a minha saliva
Me deixa te cegar

Queres o meu ventre para te nutrires
Queres meus cabelos para te fartares
Queres meus rins meus seios minha cabeça raspada
Queres que eu morra lentamente lentamente
Que eu murmure morrendo palavras de criança